

# A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000  
Semestre..... 4\$000  
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Director—VALENTIM MAGALHÃES

PROVINCIAS

Semestre ..... 1\$000  
Anno ..... 8\$000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

## SUMMARIO

EXPEDIENTE.—Aos Srs. assignantes.—Historia dos sete dias; José do Egypto.—Uma victima do Centro Positivista; Valentim Magalhães.—O Mysanthropo, soneto: R. Corrêa.—Bólos; Chico Féruia.—Gazetilha litteraria.—Julio Ribeiro.—Victor Hugo e a Academia.—Noites eternas; V. Magalhães.—Club Beethoven.—Joaquim de Araujo.—Partida.—As trez boas fadas; Catulle Mendès.—«Et nunc et semper», soneto; Joaquim de Araujo.—Theatros.—Questão litteraria; Alfredo de Paiva.—Vida elegante; Lorgnon.—V. Hugo.—Tratos á bola; D. Pastel.—Factos diversos.—Recebemos.—Declaração.—Anuncios.

## EXPEDIENTE

Terminando com o presente numero o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos desde já aos Srs. assignantes o obsequio de mandarem reformar as suas assignaturas, e aos que se acharem em atrazo o favor de mandarem saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar do bello romance «Mattos, Malta ou Matta», que se acha no preço; ás que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana 100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a collecção dos seis mezes já publicados, pagarão mais 3\$000. Para quem não fôr assignante a collecção custará 4\$000.

## Aos Srs. assignantes

Com o presente numero enviamos a cada um dos nossos assignantes um prospecto d'A Semana com todas as explicações condições de assignatura, relação dos premios que offerecemos, vantagens que têm os assignantes etc.

Ora acontece que esse prospecto tem no verso uma LISTA DE ASSIGNATURAS. Se alguns dos nossos amaveis assignantes quizerem propôr aos seus amigos, ou mesmo ao seu amigo, que seja assignante d'A Semana, nós lhes protestamos a nossa gratidão eterna por seis mezes se o assignante novo fôr de um semestre, e por doze mezes se fôr de um anno.

Note-se que A Semana é, modestia á parte, o mais interessante e o mais espirituoso jornal de todo o Imperio, e que o preço da assignatura é tão diminuto que chega a commover a gente.

Os Srs. assignantes que receberem o referido prospecto, desde que hajam inscripto os nomes dos seus amigos, terão a bondade de reenvial-o a esta redacção, pelo que lhes ficará immensamente grata

A EMPREZA.

## A SEMANA

Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1885.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana pertenceo quasi exclusivamente a S. João e ao Sr. Barão de Paranapiacaba, a Lafontaine e á Pyrotéchnia, ás fabulas e aos busca-pés.

No largo da Mãe do Bispo e no campo de S. Christovão, em Botafogo e no Sacco do Alferes—bichas e busca-pés; no *Jornal do Commercio* e no *Paiz*, na *Gazeta de Noticias* e na *Gazeta da Tarde*—fabulas e mais fabulas, traduzidas pelo applaudido interprete de Lamartine e Lafontaine.

Tanto umas, como outras—estrondosas, brilhantes e... numerosas, mesmo muito numerosas.

A revolta dos magarefes no Matadouro, por causa da mudança do administrador do dito, não teve, felizmente, consequencias tão graves que affectassem o estomago d'esta cidade, tão heroica quanto carnívora.

Quando terão fim estas barulhadas, escaudalos e grêres no Matadouro?

Alguns vereadores querem agora passar para o presidente da Edilidade o direito de resolver com auctoridade propria sobre toda questão attinente ao Matadouro.

Não será esta emenda peor que aquelle soneto?

Emfim, senhores edis, levem a honra da cidade, a honra e a paz, levem-nas, mas deixem-lhe—o bife!

Que, como um Francisco I sem almoço, possa ella exclamar: «Tudo está perdido, fóra o bife!»

O Dr. Cyro de Azevedo, o infatigavel e perspicaz 2º delegado de policia, descobrio a grossa maroteira de uma loteria falsificada, uma loteria madrilena arranjadinha aqui na Corte, como o vinho do Porto feito na rua do Areal, ou como as botinas Melliês da rua do Carmo.

Ora, senhores, já não nos bastavam as loterias legitimas!...

Ainda se haviam de juntar a essas innumeradas ladrocinhas legaes as—illegaes, ás verdadeiras—as falsas!

Que calamidade, pae do Céu!

Ah! Sr. Cyro da nossa alma, livre-nos de mais essa patifaria.

Bastam-nos as genuinas!

Na *Gazeta de Noticias* de hontem lê-se o seguinte:

« Diz-se que brevemente Sua Magestade o Imperador vai solicitar licença do parlamento, para uma viagem á Europa.

Será certo? »

Este boato é tão velho, tão sovado, tão chapa, que a gente, afinal, já não lhe dá nenhuma importancia.

Raro é o anno em que se não diga que Sua Magestade vae á Europa.

Tem acontecido mais de uma vez que o boato nasce lá fóra, em Paris, em Londres, ou em Buenos-Ayres; e lá se avoluma e cresce e propaga-se e vem cá nos surprehender como inteira novidade, como cousa de que não se tinha a minima noticia.

Mais de uma vez têm os jornaes europeus marcado a epocha em que deveria lá chegar o nosso Monarcha e se lhe tem preparado recepção condigna, sem

que na terra, que tem a honra e a ventura indivisíveis de ser por Elle governada, se viesse a saber de semelhantes viagens.

Emquanto a imprensa estrangeira O faz em caminho, preza do enjôo, entregue aos caprichos do salso argento,— que não aprendeu ainda a tratar com mais respeito e menos sacudidellas os vapores que levam dentro testas coroadas—Sua Magestade dorme bemaventuradamente no Instituto Historico, protegendo as letras patrias, ou nas conferencias da Gloria, protegendo a Eloquencia nacional, ou no theatro Santa Anna, protegendo o theatro brasileiro.

A gente não sabe nunca quando é que Sua Magestade está para partir. O melhor, portanto, é só acreditar que Elle vae partir para a Europa, depois que Elle já houver chegado lá.

E' o mais prudente; não acham?

A attenção publica continuou e continuará a ser vivamente occupada pelas noticias dos funeraes de V. Hugo, apothose admiravel, maravilhosa antecipaçào do pronunciamento da Historia na Posteridade.

No proximo numero daremos a traducção de um bello artigo a esse respeito publicado em uma das mais notaveis revistas francezas.

Por hoje, para fechar com chave de ouro esta engraçadissima chronica fluminense, um delicioso *impromptu* do Homem-Sol:

UM IMPROVISO DE VICTOR HUGO

Escrevera Victor Hugo no album de Mlle. Alice Ozy, actriz de grande belleza, os seguintes versos:

«Platon disait, à l'heure où l'horizon pâlit :  
«Jupiter, montre-moi Venus sortant de l'onde!»  
Moi, je dis, animé d'une ardeur plus profonde :  
«Madame, montrez-moi Venus entrant au lit.»

Mostrando-se Mlle. Alice offerdida pela audacia do poeta, este, tomando a penna, escreveu em seguida:

«Un rêveur, quelque fois, blesse ce qu'il admire.  
Les meilleurs sentiments souvent sont méconnus.  
Mais je n'ai jusqu'ici jamais entendu dire  
Que le vœu de Platon avait fâché Venus.»

UMA VICTIMA

DO

## CENTRO POSITIVISTA

Ao artigo com este titulo publicado no supplemento d'esta folha, distribuido no dia 11 do corrente, em que relatamos o tristissimo caso de haver um distincto moço perdido o uso da razão, victima da orthodoxia de Comte, professada na capellinha miguelista da Travessa do Ouvidor n. 7, a esse artigo respondeu o Centro Positivista publicando, impressa em avulso, uma carta escripta a 27 de S. Paulo de 97 pelo Sr. Miguel Lemos ao Sr. Dr. Eiras, em cuja casa de saúde se acha em tratamento o

infeliz moço. Não pretendemos responder longamente e em detalhe a todas as falsidades e grosseiras insolencias contidas na carta do Sr. Miguel Lemos. Contentamo-nos com declarar que estamos auctorizados pelo respeitavel pae da inditosa victima do fanatismo comtista a confirmar plenamente todos os pontos da narração feita por nós e, consequentemente, a negar tudo quanto em defesa do Centro allegou o seu Pio Nonosinho.

Respeitando a dor immensa, e a indissolvel tristeza que esse facto veio lancar no coração dos paes e de toda a familia da victima do Sr. Lemos, e a repugnancia que lhes causa a revelação do seu nome, a exposição da sua magua em publico, calamus esse nome.

Mas se o Sr. Lemos tiver a petulante audacia de sustentar, ainda depois d'isto, que não foi o Positivismo a causa d'essa loucura, então já não seremos nós, mas o respeitavel pae da sua victima que lhe virá dizer qual foi a causa da insanía de seu pobre filho.

Antes de haver entrado para o *zungu* positivista, nenhum indicio de enfermidade mental, nem mesmo qualquer ligeira propensão, apresentava esse moço. Era serio, criterioso, alegre, pacato, extremamente affeioado aos seus. Depois que foi apanhado na rede do proselytismo comtista, depois de envolvido e abafado nas suas pesadas malhas *scientificas*, foi que começou a mostrar-se preocupado, melancolico, irritadigo, misanthropo; a tratar a todos com desconfiança e inexplicavel reserva, a usar de estranhas phrases, de *chapas* do Centro: o «amor da Humanidade», o «Grande Ser», o «consorcio espirital», e outras que taes. Essas manifestações inquietadoras foram dia a dia accentuando-se, crescendo, a proporção que se amudavam as suas visitas à *capellinha* e estreitavam as suas relações com o bispo e os *padrêcos*.

Apenas sahia de casa para ir ao Centro e o tempo que passava em casa passava-o fechado no seu quarto, lendo Comte, e mais Comte.

E' certo que elle posteriormente mostrou desejos de desposar uma moça; mas o que o Sr. Lemos não disse é que essa moça era tambem *positivista*, intimamente ligada a uma familia de futuros sacerdotes comtistas; que a sua victima apaixonou-se (à moda positivista, já se vê) por aquella moça, porque ella já estava educada nos principios de Comte e portanto mais do que nenhuma outra lhe parecia destinada para sua «eterna companheira.»

Vimos um exemplar dos *Cantos*, de Gonçalves Dias, em rica edição, offercido por elle áquella cuja mão almejava, com uma dedicatória em que se liam estas palavras: «A' minha eterna companheira»; seguidas de alguns versos de Dante.

Essa *paixão* não foi causa, foi symptoma da loucura. O mal que a esse inditoso rapaz causou o Sr. Miguel Lemos reconhece-se na profunda repugnancia que elle manifesta pelo seu ex-director e na acrimonia e exaltamento com que a elle se refere; circunstancias que se não dão quando conversa com ou sobre o Sr. Teixeira Mendes. Por este manifesta, como sempre manifestou, viva sympathia e deferencia. Em seus desarrazoados monologos elogia-o e chama-o de «victima do Miguel Lemos.»

E' melhor que este senhor não insista na defesa.

Bem está vendo que sabemos toda a verdade e estamos dispostos a nada occultar.

Não terminaremos sem dar a devida resposta ao desaforado *Post scriptum* do Sr. Lemos.

E' este:

«P. S.— Sendo talvez util esclarecer a boa fé do publico sobre este doloroso incidente, resolvi fazer imprimir e distribuir esta carta, em avulso, forma habitual das nossas publicações, visto não nos ser licito, pelos preceitos da nossa doutrina, recorrer à *industria jornalística*. Esta singela exposição bastará para os homens serios e bem intencionados. Dos outros não curamos, simão para lamentar sinceramente os excessos a que costumam entregar-se, *arrastados pelo odio ou pela triste necessidade de explorarem escandalos, reaes ou imaginados, para viver, ou por uma e outra causa.*»

As insolencias, que *graphamos*, será breve a nossa resposta.

Responderemos apenas que, felizmente, até esta data nem o director nem os relectores d'*A Semana* ainda viveram nem vivem á custa do trabalho dos outros, recebendo *subsídio* por serviços *espirituaes*, nem andam a explorar a boa fé e a ignorancia dos seus concidadãos em proveito da panella do jantar e da sagrada madraçaria, em que, graças aos Céos, não viveram e esperam não viver nunca.

Industria jornalística! regougou desdenhosamente o Papinha, cuspindo-nos o convicio.

Antes essa, Reverendissimo, antes essa do que a «industria da orthodoxia positivista», porque ao menos aquella não se exerce de papo para o ar, á custa da ignorancia e da fraqueza do proximo.

Aquella faz homens.

Esta faz doudos e madraços.

Aquella tem feito estadistas, ministros de Estado, homens uteis e illustrados; e esta só tem produzido—ou doudos como o pobre moço de que tratamos, e os outros que como elle já travaram conhecimento com o Dr. Eiras; ou *subsidiados* como o Reverendissimo conego Miguel Lemos, que, perdida a congrua dos papalvos, atirou-se peccaminosa e soffregamente ao secretariado da Bibliotheca Nacional.

Voltaremos ao assumpto, se fór preciso.

Concluindo, damos a grata noticia de que o inditoso moço tem nestes ultimos dias apresentado algumas melhoras e ha fundadas esperanças de salvo-o.

Ainda bem.

VALENTIM MAGALHÃES.

### O Misanthropo

«Je veux que l'on soit homme, et qu'en toute rencontre  
Le fond de notre cœur dans nos discours se montre;  
Que ci soit lui que parle, et que nos sentiments  
Ne se masquent jamais...»  
MOLIÈRE, (Le Misanthrope, act, 1<sup>o</sup>, scen. 1.<sup>a</sup>)

A' bocca ás vezes o louvor escapa  
E o pranto aos olhos; mas louvor e pranto  
Mentem: tapa o louvor a inveja, emquanto  
O pranto a vésiga hypocrisia tapa;

Do louvor, com que espanto, sob a capa  
Vejo tanta dobrez, ludibrio tanto!  
E o pranto em olhos, vejo com que espanto,  
Que, satanicos, riem-se á socapa!

Porque, desde que esse odio atroz me veio,  
Só trahições vejo em cada olhar venusto?  
Perfidias só em cada humano seio?

Acaso, as almas poderei, sem custo,  
Ver, perspicuo e melhor, só quando odeio?  
E é preciso odeiar para ser justo?!

RAYMUNDO CORRÊA.

## BOLOS

O mofoeiro Laet... perdão! — o folhetimheiro Laet tomou a *Semana* á sua conta. Uma cousa nos desvaneece e nos commove até ás lagrimas: E' que Laet já dá mais um pouco de importancia á *Semana*, já lhe escreve o titulo com todas as letras, no italico do estylo.

Para elle a *Semana* já não é a *Gazeta de Honolulu*, como elle dizia com aquella chalaça que alegra de uma só vez o becco dos Afflictos por inteiro.

Não o podemos, portanto, chamar mofoeiro, sem manifestar uma ingratiidão das mais negras, sentimento a que a nossa entranha é absolutamente infensa.

Todavia, nós não podemos deixar de dirigir a Maximiano algumas palavras de censura por nos haver o malvato escorrido por sobre as fronte immortaes o veneno dos seus dizeres classicos.

Pimenta é bilioso. Pimenta, tambem como o Camillo, tem a tenia. Quando a bicha lhe rabeia lá por dentro, o infeliz não tem remedio senão estillar a peçonha para alliviar-se. Então enfurece-se e começa de esperneiar pelas patas do pachidérme, espantando as gentes, assombrando os mundos, apavorando os deuses com a sua colera olympica, espalhando o quarto peccado mortal por esses céus!

Então a gente cuida que chove chumbo derretido e esquirolas de ferro candente. Mas não é nada. Elle é quem soffre a paraphrosia do proprio veneno. A bilis que espirra o Encelado de cavaignac dilue-se no espaço como as lagrimas dos foguetes de S. João, e nem é preciso abrir o guarda-chuva. Tempestade de theatro, feita n'uma velha tampa de bahú de folha, pau com roda e fogo de resina em pó. O espectador vé, ouve... e ri-se.

A pernicie não passa dos bastidores.

Pimenta não é capaz de dizer um dos seus desaforos sem circumloquio; é o periphraza do doesto e do convicio: inventa scenas, crea personagens, e incumbe-os de lançar as contumelias aos seus desaffectedos. E' este o processo original o systematico de Maximiano Pimenta.

Tratando de um supposto commendador Rodrigues—uma invenção espi-rituosa de Paula Ney,—o venerando anciao Laet fez no seu ultimo microcosmo o seguinte circumloquio:—*Não ha muito tempo que na «Folha Nova» impugnou a gratuita asserção de um historiador litterario que dava como proprietario da «Semana» o mesmo illustrado poeta que n'essa folha é proclamado como o primeiro.*

Até aqui a insinuação é apenas sarcastica.

Mas Pimenta é manhoso e sabe fazer as cousas com geito. Nada de se comprometter. E' o grande mestre da patifaria irresponsavel. Era capaz de inventar o *testa de ferro* se já não existisse o Romão José de Lima.

O pensamento esboçado nas linhas transcriptas, é desenvolvido e completado pouco abaixo:—«Nestas condições, hoje, que tão decadente se acha o jornalismo nacional, só conheço o estabelecimento aqui da esquerda. O commendador não olha para sacrificios, comtanto que o acclamem, pelo menos, o primeiro prosador deste hemispherio.»

A insinuação aqui é directa. Este periodo ligado ao outro dá uma infamia que pode ser traduzida nesta phrase simples:—«O Dr. Luiz Delfino paga á *Semana* para que esta o acclame primeiro poeta nacional.»

Aquillo, porém, deixa de ser uma injuria para ser uma retaliação: Tem

dito que Pimenta recebe ordenado do *Jornal* para insultar quem passa, e Pimenta retalia dizendo que nós recebemos paga para acclamar Luiz Delfino.

Mas existe esta differença fundamental:—O *Pachidérme* paga a Laet, e Laet quasi mais nada faz do que insultar conhecidos, desconhecidos, amigos e até collegas seus do professorado; ao passo que Luiz Delfino ainda não gastou com a *Semana* nem talvez mesmo o tostão do numero avulso. Luiz Delfino nem ao menos é assignante d'A *Semana*, o que, entretanto, nos não consentiriamos, visto que o grande poeta é nosso collaborador e já por vezes tem aspergido estas columnas com o intenso perfume oriental e exquisito dos seus versos. A *Semana* fundou-se por meio de accões que foram distribuidas por amigos dos fundadores, alguns dos quaes ficaram com trez e quatro — e Luiz Delfino nem sequer tem uma, pois que se lhe não pedio tal obsequio. Mesmo, porém, que se lho pedisse, isso não poderia obrigar-nos a dizer o que, em consciencia, não pensassemos do seu merito ou das suas qualidades; nem, por outro lado, poderia fazer-nos ter escrúpulos quando quizessemos sustentar que elle era um genio, se por ventura tal o julgassemos.

Não ha favores, nem obsequios, nem protecção, que possam obstar a que digamos, quando for necessario, a inteira verdade em prol ou contra quem quer que seja, mormente em questões de litteratura e de arte.

Esta força e esta franqueza, tiramol-as da propria qualidade que Pimenta parece desleñar, quando, com pillas de graça, nos appellida—*mancebos*. Tiramol-as da nossa mocidade, venerando anciao! da nossa mocidade!

E agora, vetusto Pimenta, visto que já vão tão longe as suas verduras, desdobre para ahí o seu alcobaca, abra a boceta do *amostrinha* e tome... tome, que quando se fizer preciso nos lhe daremos para o seu tabaco.

Até á vista.

CHICO FÉRULA.

## GAZETILHA LITTERARIA

## Livros Francezes

São tantos os que nest's ultimos dias irradiaram de Paris para todos as livrarias do mundo, envolvidos na faixa do *Vient de paraître!* que dar de todos elles noticia, por mais laconica, seria occupar todo o espaço d'A *Semana*.

Tomei por isso a resolução sensata e prudente de resenhar apenas os mais importantes; o que não será pequeno trabalho.

Recommendam-se especialmente entre os innumerados livros francezes, recentemente publicados, os seguintes:

## HISTORIA E BIOGRAPHIA

ERNEST LAVISSE.—*Etudes sur l'histoire de Prusse* (Hachette) Estudos magistraes. O capitulo consagrado á historia da Universidade de Berlim é notavel.

COMTE DE BARRAL.—*Etude sur l'histoire diplomatique de l'Europe*. 1º volume da 2ª parte. 1648—1783. (Plon)

GENERAL AMBERT.—*Recits militaires*. Obra patriótica, mas nem sempre imparcial nas apreciações politicas.

GEORGES LECOQ.—*Un manifeste de Gracchus Babeuf*.—Curioso documento inedito; precedido de uma interessante noticia de Gracchus por Lecocq. Obra dedicada aos amadores de curiosidades historicas.

FUSTEL DE COULANGES.—*Recherches sur quelques problèmes d'histoire*. Preambulo a um grande estudo do feudalismo. (Hachette).

CH. DE MONY.—*Discours sur l'Histoire de France*. (Hachette).

AUGUSTIN CHALLAMEL.—*Souvenirs d'un hugoldtre*. Estudo da geração litteraria de 1830. Jules Levy.

MME. COIGNET.—*François I.* (Plon).

A. HOUSSAYL.—*Mes confessions*. Souvenirs d'un demi-siècle—2 vols. Dentu.

GABRIEL SÉAILLES.—*Alfred Dehendorf*. (Paul Ollendorff)

ALFRED ASSELINE.—*Victor Hugo Intime*. (Marpon & Flammarion)

LUCIEN PÉREY E GASTON MAUGRAS.—*La vie intime de Voltaire aux Délices et à Ferney*. Calmann Levy. Documentos novos e ineditos, entre os quaes, 54 cartas de Voltaire. Obra de tal valor que se espera será coroada pela Academia Franceza.

## LITTERATURA, PEDAGOGIA

DELTOUR.—*Histoire de la litterature grecque* (Delagrane).

EMILE FAGUET.—*Mme. de Maintenon institutrice* (Oudin et Lecène).

LOUIS ULBACH.—*Misères et grandeurs litteraires*. Livro interessantissimo (Calmann Levy).

MERLET.—*Les grands classiques grecs*. (Hachette).

GASTON PARIS.—*Litterature française du moyen âge*. (Hachette).

CH. L'HOUMME.—*Code manuel de l'enseignement* (Oudin et Lecène).

## GÉOGRAPHIA, VIAGENS

J. GIRARD.—*Les rivages de la France* (Delagrane).

ORSOLLE ET BOUVALLOT.—*Le Caucase et la Perse—Du Kohistan à la Caspienne*.

BARON DE MAUDAT—GRANCEY.—*Visite à l'Oncle Sam* (Plon).

J. LECLERCQ.—*Voyage au Mexique—De New York à Vera Cruz par terre*. (Plon).

DENIS DE RIVOYRE.—*Aux pays du Soudan*.

## ROMANCE

Muitos, muitissimos; mas muito poucos de elevado valor litterario. Distinguem-se comt

MARC MONNIER.—*Après le divorce*. (Calmann Levy).

A. CHABOT.—*Mariette Thibau*. (C. Levy)

ROGER BALLU.—*Une vie d'artiste* (Basset).

EDOUARD DELPIT.—*Les souffrances d'une mère*. (C. Levy).

MME. CARRETTE.—*L'outrage* (Dentu).

JULES MARY.—*La Bien-Aimée* (Dentu)

LOUIS DE SANDOK.—*La vocation de Valentin*. (C. Levy).

JULES DE MARHOLD.—*Casse—Noisette*—Contos fantasticos.

ANDRE LE BRETON.—*Le crime des autres*—Livro implacavel, grosseiro, violento. (P. Ollendorff).

JULES CASE.—*Une bourgeoisie*.—Livro de observação severa e inflexivel, mas delicada e verdadeira. (V. Havard).

ANDRÉ MONEGY.—*Fiamma*. (Ollendorff).

FRANÇOIS VILARS.—*Roland d'Escours* Obra interessante e moral, de estylo delicado. (E. Plon, Nourrit & C.)

## POESIA

Trez estréas por semana—pelo menos; na maioria pouco auspiciosas. Recommendam-se especialmente:

ALBERT SAINT PAUL.—*Les encensoirs*. Este poeta é discipulo de Coppée.

M. DE LA ROCHE—AYMON.—*Elegies de Properce*. traducção em verso. Preciosa joia litteraria e typographica. Pertence á encantadora *Petite collection antique*.

## DIREITO

ACCOLLAS.—*Les successions*. (Delagrane)

## PUBLICAÇÕES ANUNCIADAS

O editor Hennuyer vac começa a publicação de uma «Bibliotheca ethnologica», cuja direcção está confiada aos Srs. Quatrefores e Humy.

O primeiro volume terá por título: *Les Astèques: histoire, mœurs, coutumes* e por auctor LUCIEN BIART.

*Les propos de table de V. Hugo*; RICHARD LESCLIDE (que foi durante 15 annos amigo, hospede e secretario do Mestre.)

CONTES ET NOUVELLES—auctor: GUY DE MAUPASSANT.—(Charpentier).

*Les mémoires d'un commis-voyageur*, romance por BEUGNY d'HAGERUE. (Pon-Nourrit.)

*Dictionnaire general des pêches*, por HENRI DE LA BLANCHÈRE. Nova edição, em 50 fasciculos; (Delagrane.)

Do edictor Jules Lévy mais dois romances: *L'attentat Sloughine*, por HUGUES LE ROUX e *La chemise*, por MME. AMELIE VILLETARD. Este ultimo deve ser fresco. Tratando de *la chemise* receia-se que a auctora fique... sem ella! O edictor Charpentier promette para muito breve, como já noticiámos no nosso numero passado—*Sophie Arnould*, romance pelos irmãos GONCOURT. Este estudo não é mais do que o primitivo, com o mesmo titulo, mas notavelmente desenvolvido, e tanto que se tornou uma obra inteiramente nova.

*Le Père Goriot*, no prelo, será o terceiro volume da «Collection des chefs d'œuvre du roman contemporain, do edictor Quatin. Os dois primeiros volumes são: *Monsieur de Camors* e *Madame Bovary*.

#### Livros Brasileiros

Deve apparecer nos primeiros dias de Julho o volume das *Cartas sertanejas*, de Julio Ribeiro. Será precedido pelas considerações que a seu proposito fizeram Valentim Magalhães, n'esta folha, e Henrique de Barcellos no *Correio de Campinas*.

#### Julio Ribeiro

Podemos annunciar a collaboração effectiva d'este notavel critico e polemista, hoje muito conhecido pelas suas vibrantes e ruidosas *Cartas sertanejas*; para não falarmos em sua celebre grammatica, que lhe deu fóros de abalissado philologo. Julio Ribeiro prometteu enviar semanalmente á *Semana* algumas tiras de papel cobertas pela sua letra nervosa de anatomista social e litterario.

Acreditamos que esta noticia agradará sobremodo aos nossos leitores.

#### Victor Hugo e a Academia

Victor Hugo, desde 1841, data de sua entrada para a Academia Franceza, viu morrer oitenta e sete immortaes:

Em primeiro logar os trinta e nove academicos de 1811, que eram: de Pastoret, Mignet, Brifant, Scribe, Molé, de Bonald, Guizot, Baour-Lorman, Casimir Delavigne, Guiraud, de Barante, de Pongerville, Lacuée de Cessac, Ph. de Segur, Thiers, Charles Nodier, de Féletz, de Salvandy, P. A. Lebrun, de Lacroix, Soumet, Campenon, Flourens, Mgr. Frayssinous, Chateaubriand, Lamartine, Alexandre Duval, Fourier, Tissot, Villemain, Jay, Etienne, Dupaty, Roger, Droz, de Jouy, Viennet, Dupin, Royer-Collard.

E depois d'estes: de Saint-Aulaire, Duque de Broglie, Ancelot, Ponsard, Autran, Sainte-Beuve, Janin, Ampère, Prevost Paradol, Gratry, Saint-René Taillandier, Vatout, Berryer, Jules Favre, Alfred Musset, Alfred de Vigny, Montalembert, de Rémusat, Merimée, de Tocqueville, Lacordaire, Biot, de Loménie, de Carné Vitet, Saint Marc Girardin, Claude Bernard, Duque Pas-

quier, Ballanche, de Saint-Priest, Cousin, Mgr. Dupanloup, de Sacy, Patin, Empis, Duvergier de Hauranne, Dufaure, Littré, de Champagny, de La-prade, Auguste Barbier, Charles Blanc, Jules Sandeau, Mignet, J. B. Dumas, Henri Martin, Conde d'Haussonville e Edmond About.

Viu entrar para a Academia: Duque de Noailles, Nisard, Legouvé, de Falloux, Augier, Duque de Broglie, Feuillet, Camille Doucet, Cuvillier-Fleury, Emile Ollivier, Xavier Marmier, Duque de Aumale, Camille Rousset, Barão de Viel-Castel, Mezières, Alexandre Dumas, Caro, John Lemoine, Jules Simon, Boissier, Sardou, Renan, Taine, Duque d'Audiffret, Labiche, Maxime du Camp, Rousse, Sully Prudhomme, Pasteur, Cherbuliez, Mgr. Perraud, Pailleron, de Mazade, Coppée, de Lesseps, Victor Duruy, Bertrand e Ludovic Hallévy.

Cento e vinte academicos tiveram a honra de occupar uma cadeira da Academia no tempo de Victor Hugo.

#### Noites eternas

Como, porque, quando começou o uso de festejar Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna—com fogo?

Curioso estudo, interessante investigação a fazer.

O que é certo é que essas noites são das mais bellas e das mais saudosas do anno.

Quanto feitiço e encanto, que suave e callido perfume, que doce melancolia nas ricas e pittorescas tradições d'estas noites!

Que poesia! que deliciosa e inimitavel poesia n'essas noites maravilhosas, em que fala o Destino solemnemente, mysteriosamente, nos mil e um engenhados meios de consultal-o:—nas cartas, na agua das fontes e dos lagos, nas folhagens de certas arvores, nas pétalas de certas flores; no cucuritar dos gallos, no pipiar dos passarinhos, na clara encantada dos ovos abertos e expostos ao sereno!

Quantos poemas, quantos, n'essas horas fugazes e enfeitadas, deliciosas e terríveis!... Quantas saudades e quantas recordações immortaes! Consulta o teu coração, leitor, quem quer que sejas; consulta-o, pergunta-lhe: « Lembras-te...? » E no fundo da tua alma, subitamente illuminada pelo vivo luar da memoria, uma resurreição se fará. A immensa roda impiedosa e insustavel do Tempo desandarà para traz, para traz! —até que de novo te traga a noite, *aquella* noite de Santo Antonio ou de S. João, de tal anno, aquella noite que nunca, nunca mais se apagará do teu espirito, como estrella que empallidece mas não morre,—uma estrella de amor! ou que nunca, nunca mais se descravará do teu coração, como um punhal assassino—o punhal de um desengano ou de um remorso! que excrucia e envenena a ferida; a qual, no entanto, o ama, e vive da morte que lhe elle dá.

Prodigio! Milagre!... Vés novamente o logar e as personagens, as minimas particularidades, os mais insignificantes detalhes d'aquelle episodio da tua existencia—: a fogueira flammejante, estralando alegremente, espirrando faúlhas pelo ar frigid, misturando ás brumas hybernaes a sua fumarada revolta, chammallotada de flammias, picada de brazas; e as crianças e as moças assando as batatas, as cannas, os carás, em gritos de susto, confundidos em risadas frescas, sonoras na limpidez do luar e no frio da noite, como um choque de taças de crystal, humidas de vinho dourado!

E os jogos, as adivinhações, os brincos, innocentes nem sempre, mas sempre deliciosos! E entre o livro das sortes e os

gorros igneos das pistolas, ao som do piano ou ao chorar da viola, surgirá, luminosa e risonha, a imagem bem dita *d'aquella* que amaste, d'aquella que te amou e que é hoje a tua companheira adorada, a tua querida mulher, a mãe dos teus filhinhos!—santa creatura, boa como um anjo, bella como toda mulher amada!

Então, se a tens a teu lado, dir-lhe-has n'um beijo o que nem eu, nem tu mesmo poderias dizer! Se a perdeste—será uma lagrima, d'essas que levam consigo os corações, será uma lagrima que contará, silenciosamente, o que foi aquella noite eterna!

Verás tambem, novamente, ao clarão da lua e dos fogos, a cabeça respeitavel e querida de teu pae, olhando-te com os seus grandes olhos, que a recordação torna maiores e mais brilhantes; ou a cabeça branca e sagrada de tua mãe, sorrindo-te, a ti e aos teus irmãos e ao céu e á natureza e a Deus, na amargurada delicia, no santo orgulho da sua maternidade!

E aquella beijo ardente, demorado, enlouquecedor, sorvido ás furtadellas, atraz do tufo perfumoso de uma roseira, em meio a uma corrida, no episodio de um jogo?! E aquella abraço maldicto que *ella* deu—bem o viste!—no *outro*, no jogo de prendas, porque disse que o *aborrecia* e que te amava?! Ah! antes houvesse amado o *outro*, porque te houvesse abraçado a ti!...

Ah! tudo, tudo d'essa noite te volta aos olhos e aos labios, do fundo do teu coração,—que recuperou de toda a memoria, por milagre do santo festejado—tudo te volta aos labios e aos olhos em uma onda de beijos e risos ou em uma onda de lagrimas!...

Os que já tiveram a sua noite de Santo Antonio ou de S. João—e quem a não teve?—reviveram-na agora; os que agora a têm, revivel-a-hão amanhã, depois, um, dois, vinte annos mais tarde...

Oh! a saudade! A saudade é a vida eterna!

Infeliz aquella a quem o céu d'essas noites,—mais estrellado de *machinas* do que de estrellas,—não lembra nada!

Pobre coração—o que á pergunta d'estas festas populares, tão formosas e tão puras!—á pergunta que fazem os balões subindo vacillantes, de varias cores, os foguetes chorando pedrarias de fogo nas nuvens, as cartas da China espocando em rufos de tambores, os rugidores rojões e as fogueiras enormes, lambendo longe, com a ponta das compridas linguas de fogo, as frondes dos arvoredos discretos, rechinando e crepitando alegremente—á essa pergunta: « Lembras-te?... » sómente possa responder, sem um sobresalto de prazer, ou sem um confrangimento de dor:—« Não me lembro!... »

Desgraçado—o homem a quem a alegria dos outros não faz rir, nem chorar!

25 de Junho de 1885.

VALENTIM MAGALHÃES.

#### Club Beethoven

Se as leitoras fluminenses cuidam que o Club Beethoven é avaro sómente das suas musicas, dos seus jornaes, revistas, e palestras, ainda não conhecem até onde pôde ir a perversidade e o egoismo do homem. Não, minhas senhoras: ha mais thesouros n'aquella caverna. Escondem-se alli outras joias, que bem podiam fulgir na vossa frente, se a lei inflexivel, *dura lex*, não atasse as mãos aos directores.

Parte d'essas joias tirou-as antehontem do cofre de sandalo em que as guarda o nosso eminente orador Dr

Ferreira Vianna. Era dia de conferencia, a segunda das que elle se propoz fazer sobre esthetica. Casa escolhida e attenta; algumas cabeças politicas, outras litterarias, todas de bom gosto, e deante d'ellas o orador tantas vezes ouvido e acclamado.

Versou a conferencia sobre a acção do bello na alma do homem, e difficuldade de uma boa definição da scusção esthetica; thema vasto e profundo, que nas mãos de um homem como o Dr. Ferreira Vianna devia dar o que deu, e que o auditorio encantado recolheu de seus labios. Pontos houve em que não foi possível conter os applausos.

Não falta nada ao orador para impressionar:—domina o assumpto, e dispõe da palavra. O que esta palavra é não será preciso dizel-o ao leitor fluminense, que já a ouviu no parlamento, na escola, no cominício popular, e até na tribuna religiosa, onde tem a unção evangelica, assim como tem a invectiva na tribuna politica.

A conferencia durou cerca de uma hora, e terminou com uma roda de palmas. Consta-nos que a terceira será quinta-feira proxima.

### Joaquim de Araujo

Este nome não pôde ser estranho aos nossos leitores. É o de um poeta portuguez, moço e distincto; é o do auctor da *Lira Intima*—uma auspiciosissima estreia.

Conhecido entre nós, gósa em sua patria de uma bella aurea, gallardamente conquistada.

Joaquim de Araujo acaba de confundir e encantar *A Semana*, enviando-lhe, dirigidos ao seu director, além de uma carta extremamente amavel e de um exemplar da *Lira Intima*, quatro formosos sonetos inéditos. Carta, livro e sonetos são gentilissimas finessas; que *A Semana* agradece com honra e desvanecimento.

Eis um topico da carta:

«Tenho lido com o maior prazer os numeros da *Semana* que V. redige com finissimo bom gosto de verdadeiro artista do nosso tempo, e desde muito que tencionava escrever-lhe, a felicital-o e a saudar essa forte e valente legião de escriptores, exuberantemente cheios de sol e de mocidade, que com V. desfaldam a bandeira do Talento e da Arte.»

Transcrevemos esse trecho, encantadoramente lisongeiro, não por mero desvanecimento, mas para ainda uma vez registrar a maneira porque tem sido *A Semana* recebida em Portugal pelos legitimos representantes da sua aristocracia litteraria. Todas essas palavras de louvor e todas essas provas de apreço são incitamentos poderosos á luta e á victoria. Folgamos tambem e muito em que por meio da nossa modesta folha se estreitem as relações litterarias entre os dois povos irmãos, tornando mais conhecidos em Portugal os escriptores brasileiros, e vice-versa.

Agradecendo a Joaquim de Araujo as suas distinctas finessas, promettemos occupar-nos proximo do seu livro, em ligeira apreciação critica.

Publicamos hoje o soneto *Et nunc et semper*, que serve de epilogo ao poema inédito—*Camões*. É todo em sonetos esse poema, que está no prelo. Será precedido de uma cartaprolago por Eça de Queiroz, amigo do poeta.

Na arte ha apenas uma tinta indelel. É aquella com que o Dr. Fausto assignou o contracto com o diabo:—sangue.

GUERRA JUNQUEIRO.

### Partida

Regressam amanha para S. Paulo os Srs. Gaspar da Silva e Julio Ribeiro, redactor e collaborador do *Diario Mercantil*. Durante a sua curta demora nesta cidade puderam verificar o quanto são aqui considerados os seus nomes e estimadas as suas pessoas. Desejamos-lhes excellente viagem.

### AS TREZ BOAS FADAS

(VERSÃO DE RODOLPHO PORCIUNGULA)

Havia n'aquelle tempo trez fadas chamadas Abondia, Myrtilia e Caricinia, que eram meliores que todas aquellas que pudessem ter existido. Não conheciam prazer maior que o de proteger os desgraçados, e n'isso empregavam ellas todo o seu poder. Nada as decidia a assistir aos bailes dados por suas companheiras na floresta de Broceliandia em noites de luar, nem tão pouco aos festins em que sylphos servem de escudeiros e vertem gottas de orvalho em calices de lyrios,—o que no dizer de Thomaz, o trovista, é a cousa mais agradável do mundo—se não tivessem já n'esse dia dissipado muitas angustias humanas; e de tal modo as ouviam que de muito longe eram por ellas escutados os soluços dos corações e o rorejar das lagrimas. Abondia, que de preferencia visitava os arredores das grandes cidades, apparecia repentinamente nas pobres mansardas, e para isso quebrava, umas vezes, um vidro que era logo substituido por um diamante, sem que houvesse necessidade de vidraceiro; outras vezes, disfarçava-se em tenuissima fumaça de lar quasi apagado e, presa de compaixão por aquelles que tiritavam, morrendo de fome e faltos de trabalho, ella com um simples sorriso transformava esses frios e miseraveis albergues em sumptuosos palacios, cheios de bellos moveis, de guarda-comidas repletos e de cofres onde abundavam moedas de ouro.

Myrtilia, não menos caridosa, procurava sobretudo os camponezes pobres que nas suas choças se lamentam porque a neve queimou a promettedora flor das searas, e que, entre o armario sem pão e a arca sem roupas, intimamente se perguntam se não seria melhor deixar os filhos nos bosques, não tendo com que os vestir nem que lhes dar a comer. Facilmente então ella os animava, quer offerecendo-lhes efficazes talismans, quer aconselhando-os a fazer promessas que nunca deixavam de ser cumpridas; e aquelles mesmos que trez minutos antes não tinham com que dar de csmola a um pintasilgo que lhes batesse á vidraça, viam-se repentinamente transformados em ricos burguezes, tendo casas bem sortidas de tudo, ou em poderosos monarchas com palacios de porphyrio e pedrarias. A Caricinia pertenciam os pezares dos amantes, porque isso a commovia mais que todas as amarguras. Tornava fieis as namoradeiras e os inconstantes, fazia compassivos os corações dos paes avarentos, que se oppõem á felicidade dos filhos; e quando sabia que algum velho mendigo das estradas se tinha enamorado da filha de um rei, ella o metamorphoseava em um principe bello como o dia, para que elle pudesse desposar a sua bem amada. E se continuassem as cousas sempre assim deixaria de haver miserias e amarguras graças ás trez boas fadas. Mas isso não seria muito do agrado de certo cruel feiticeiro, que era dotado dos mais perversos sentimentos para com homeus e mulheres. Só a lembrança de que se deixaria de

soffrer e de chorar sobre a terra lhe causava tormentos insupportaveis.

E não podendo saber qual das trez boas fadas mais detestava, tinha por ellas o maior odio. Resolveu por isso um dia impe-lir que ellas fossem a felicidade dos desgraçados; cousa que era para elle facilissima em vista dos grandes poderes de que dispunha.

Fel-as comparecer á sua presença e, depois de encr-spalo o sobrolho, disse-lhes que durante muitos séculos ficariam privadas dos seus fericos dons; accrescentando que se d'elle dependia o transformal-as em reptis repugnantes ou em objectos, como pedras, troncos ou regatos; mas que, compassivamente, se se dignava de transmutal-as n'aquillo em que mais lhes agradasse cumprir a inexorável pena.

Ninguém poderá calcular o prazer que sentiram as tres fadasinhas; não porque perdessem glorias e privilegios, ou porque muito lhes custasse a renunciar aos bailes da floresta de Broceliandia e aos festins dos palacios subterraneos illuminados por sóes; o que muito e muito as penalisava era que não mais poderiam vir em soccorro dos desgraçados.

«Pois que! pensava Abondia, homens e mulheres morrerão de frio e de fome pelas mansardas sem que eu mais os possa consolar?!» E Myrtilia dizia consigo: «Que virá a ser dos camponezes que junto do lar apagado choram porque a neve lhes crestou os ramos dos pomares em flor? Quantas creanças ficarão abandonadas pelos matos, não vendo outra luz que a dos olhos dos lobos que as espiam ou a lanterna acceza ao longe pela mulher do lobishomem?» E Caricinia, soluçando, meditava: «Como os amantes vão soffrer! E ain la hoje mesmo soube que um pobre cantor das ruas, sem eira nem beira, morre de paixão pela princeza de Trebisonda.

Infeliz d'elle porque, coitado, sem mim não poderá desposal-a!

E todas as trez boas fadas se affigiram por muito tempo; soffriam, soffriam todas as dores que de ellas não poderiam fazer alegrias e com ellas derramavam todas as lagrimas que já não enxugariam.

Sinceramente, porém, no meio do seu desespero ainda lhes restava uma pequenina consolção. Era-lhes permittido escolher a apparencia das cousas sob a forma das quaes vivessem junto dos homons e, graças á feliz escolha que fizessem, talvez pu lessem exercer ainda a sua benefica influencia.

Embora reduzidas á impotencia das cousas mortaes ou perciveis, não seriam completamente iuteis aos desgraçados.

Puzeram-se então a pensar no que seria melhor escolher para não deixarem de ser boas.

Abondia, lembrando-se dos seus pobres, desejou ser uma pessoa muito rica, muito rica, que sem conto pudesse fazer esmolal; mas pensando nos lares apagados e nos frios catres, não lhe desagradaria ser chamma ou bom leite onde descansam os miseros trabalhadores. Myrtilia queria ser rainha para fazer cortezãos agaloados de todos os camponezes esfarrapados, ou então ser o raio que desviasse as nuvens malevolal, ou a boa lenheira que guiasse os pequeninos perdidos á morada paterna. Quanto a Caricinia, na intenção que tinha de ser boa aos corações, consentiria de bom grado em ser transmutada em esposa boa, fiel e sincera, teudo por cuidado unico a felicidade do esposo, ou então em noiva timida e apaixonada.

Vinham-lhes, porém, outras idéas e hesitavam, comparando as vantagens

de outras metamorphoses, quando lhes disse o Feiticeiro:

— Então, já resolveram? Ha muito que pensam e eu não tenho tempo a perder. Que desejam ser? Andem, digam depressa.

Fez-se grande silencio; afinal disse Abondia:

— Pois seja eu o vinho que se bebe nas tabernas dos arredores das cidades, porque melhor que o pão da esmola e o calor dos lares e o repouso dos leitões, a embriaguez consola os corpos cansados e os tristes corações.

— E seja eu, disse Myrtilia, as cordas do violino d'um velho menestrel! Por que muito mais que os trajes agaloados em substituição dos andrajos, que a fuga das nuvens ameaçadoras, e que a volta á casa das creanças perdidas, a canção que faz dançar, é boa aos miseráveis.

— E eu, disse Caricinia, quero ser a bohemia das encruzilhadas, que offerece aos viandantes o seu riso e os seus beijos. Porque é no amor livre, louco, de acaso, sem decepções nem saudades, que o homem esquece o tédio e o desespero da vida.

Desde esse tempo Abondia ri nos copos cheios, á mesa das tabernas; Myrtilia faz dançar nas bodas campesinas, debaixo das grandes arvores da praça, ou nos terreiros das estalagens. E são felizes, as boas fadas decalhadas, pela alegria que dão, mas invejam a sorte de Caricinia, pois sabem que só ella faz a melhor das caridades.

CATULLE MENDES.

(Les contes du rouet.)

Et nunca et semper...

(EPILOGO DO POEMETO INEDITO—CAMÕES)

E as Idades passaram triumphantes...

No descanso do tumulo, os heróes  
Dormem na paz herculea dos gigantes  
Allumiados ao fulgor dos sóes!

Cantae-lhe os hymnos que fariam d'antes  
Ir á victoria homérica; depois  
Achareis que esses tragicos athlantes  
Já nem ouvem sequer os rouxinóes!

Mas vel-os-heis surgir altivamente,  
Nas mãos o gladio impavido, luzente,  
Ao soar entre os povos e as nações,

No ambiente dos tempos, firme, erecta,  
A palavra de luz d'esse propheta,  
O verbo gigantesco de Camões!

1885.

JOAQUIM DE ARAUJO.

## THEATROS

Subio finalmente na terça-feira á scena do Polytheama a grande magica de ha muito annunciada para estreia da companhia Fanny. Chama-se *O genio do fogo* e é original do actor Primo da Costa, habil ensaiador e director de scena da companhia.

Esta magica tem, como todas as outras, o seu rei, o seu principe, o seu escudeiro, a sua princeza, as suas fadas e o diabo; mas a diabo aqui não é o conhecido e já desacreditado satan de bigode torcido e pera aberta, com cabelleira vermelha e cilios arrepiados. Não é diabo, é genio mau; tão mau quanto preto e tão preto quanto pôde ser o po de sapatos. Ha, entretanto, algumas novidades, como diversos aerostatos, uma grande bicharia e varias descidas e ascensões de muito effeito.

A encenação é que é de veras deslumbrante e magnifica! Nunca em theatro algum nacional vimos tamanho luxo, nem tão bellos effeitos scenicos.

Grande esplendor de luzes e de fogos de bengala. Os scenarios são riquissimos e revellam em seu auctor, Gaetano Carancini, um artista de grande merito.

O quadro do fundo do mar, o que se lhe succede e representa um grande lago em que se reflectem as arvores da margem, o da serra do segundo acto que dá passagem para a habitação do genio das tormentas, o do *monstro das fauces de fogo* e ainda outros de menor importancia, são obras de mestre em cousas de scenographia e fariam a reputação de um artista qualquer.

Os adereços e, os vestuarios riquissimos e brilhantes.

A despeza da montagem do *Genio do Fogo* deve ter sido extraordinaria.

A peça tem algumas situações boas e engraçadas, e, de quando em quando, até tem espirito.

O desempenho das magicas cabe sempre mais ao machinista do que aos actores.

Pois pôde-se dar parabens a um e aos outros.

Machado fez rir muito com o seu escudeiro, Monclar fez bem o seu principe, Flavio arranjou menos mal o seu rei Agorda 32 e Clelia, Clementina e a emprezaria Fanny—pequeno elogio se lhes pôde fazer se se disser que fizeram bem os seus papeis, porque não é em papeis de magica que se vae julgar um artista.

Estreou nesta peça a disincta pianista Luiza Leonardo, que se lembrou de se fazer actriz, apezar da boa reputação de que gosava como pianista. Teve pequenos papeis episodicos que desempenhou regularmente, parecendo ter jeito para a scena.

A musica da peça, que tem trechos muito bonitos e de uma certa originalidade, é do Sr. Dr. Cardozo de Menezes.

Parabens pois á graciosa emprezaria e ao Primo da Costa.

E', a pedido de S. M. o Imperador, na proxima sexta-feira, 3 de Julho, o beneficio de Lucinda Furtado Coelho, com a *première* do *Casamento de Figaro*, a celebre peça de Beaumarchais, traduzida por Arthur Azevedo.

A distribuição é a seguinte:  
Figaro, Sr. Baptista Machado; Conde d'Almaviva, Sr. Furtado Coelho; D. Gusmão, Sr. Martins; D. Bartholo, Sr. Heitor; D. Basilio, Sr. Peixoto; Antonio (jardineiro), Sr. Teixeira; Geronio (creado), Sr. Louro; o escrivão, Sr. Estevão; Pedrito, Sr. Portilho; Suzana, Sra. Lucinda F. Coelho; Condessa de Almaviva, Sra. Luiza Lopes; Marcellina, Sra. Margarida; Cherubim, Sra. Sara; Panchita, Sra. Branca.

Camnonezes, camponozas, fidalgos e gente do povo, etc. etc.

Epocha Luiz XVI—Hespanha.

F. ANDÔ

O distinctissimo actor Flavio Andô, primeiro galan da companhia dramatica italiana, que actualmente trabalha no theatro S. Pedro de Alcantara, e de que é emprezario o Sr. C. Ciacchi, fez-nos uma visita no dia 24 e entregou ao director d'esta folha uma carta que de Montevidéo lhe trouxera.

Não podemos ainda ir apreciar o distincto artista, de quem se nos falla com os maiores elogios.

Agradecemos ao Sr. Andô a delicadeza que usou para conosco e desejamos-lhe que inspire ao publico a mesma sympathia que nos inspirou a nós. Esperamos poder proxicamente occupar-nos do seu trabalho com a attenção que merece.

## QUESTÃO LITTERARIA

Aos Srs. que ainda não enviaram o seu voto e desejem fazel-o, avisa novamente a Redacção que o prazo para recebimento dos votos terminará no dia 10 de Julho proximo.

Por falta de espaço não continuamos hoje a publicação dos votos apurados.

Transcrevemos em seguida o trecho do opusculo do Sr. Alfredo de Paiva, em que manifesta o seu parecer acerca d'esta questão:

« Estamos no seculo XVIII.

Distinguem-se na poesia lyrica: Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga e Souza Caldas.

Na poesia epica destacam-se os nomes de Basilio da Gama, que escreveu o *Uruguay*; e Santa Rita Durão, que compoz o *Caramurú*, poema epico do descobrimento do Brazil.

Nenhum d'estes poemas, porém, tem merito verdadeiramente real.

O *Caramurú* baseia-se em uma d'estas lendas, que sempre precedem á formação das nações.

O visconde de Almeida Garrett escreveu sobre esse poema com imparcialidade.

Notou affectação no estylo; e achou como de facto, que o assumpto não era verdadeiramente heroico.

Frei F. de S. Carlos architectou o seu poema religioso *Assumpção*, a respeito do qual escreveu o conego Dr. Fernandes Pinheiro:

« Não pertence este poema á categoria dos historicos, nem dos romanescos; ningnem, porém, lhe contestará os predicados de legendario e mystico.

Gizado pelo modelo da *Messida* e do *Paraizo Perdido*, seguiu muito de perto as pegadas de Sannazaro no seu (hoje tão justamente esquecido) poema appellidado—*De Partu Virginis* e, sobre teta destituida de interesse dramatico, conseguiu bordar painel de lindas e variegadas cores, realçadas por finissimos toques.»

Comtudo, ninguem fará a injustiça de qualificar a qualquer d'estes espiritos—de grandes poetas.

No principio d'este seculo encontramos:

Mello Franco que escreveu o—*Reino da Estupidez*.

O conego Januario da Cunha Barbosa, que escreveu a bellissima poesia *Nitheroy*, que foi apreciada por Santiago Nunes Ribeiro, nos seguintes termos:—Na primorosa e brilhante metamorphose de *Nitheroy*, a fabula é fundada sobre as bellas ficções da Grecia; mas a novidade da scena escripta pelo Sr. conego Januario, a grandiosa idéa de dar ao colossal mancebo megatherios e mamouths por animaes domesticos, a agglomeração de combros e penhascos que elle sotopõe uns aos outros; a serra dos Orgãos, escada immensa que lhe deve servir para assaltar os céos, tem um não sei que de americano, que mais facil é sentir do que explicar.

O padre Silverio Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá; Luiz P. de Oliveira Pinto da França e J. G. F. dos Santos Reis distinguiram-se como poetas.

José da Natividade Saldanha, José Bonifacio de Andrada e Silva, Domingos Borges de Barros, depois Visconde da Pedra Branca, Manoel Alves Branco, depois Visconde de Caravellas.

O visconde da Pedra Branca, tinha queda para o erotismo. Imitou ao emiliente Bocage—o grande repentista.

Além d'estes, tivemos Laurindo Rabello, Junqueira Freire, Aureliano Lessa, Macedo Junior e outros.  
Luiz Guimarães Junior scintilla ainda com brilho admiravel.

Passo agora a tratar de dois poetas que, propositalmente, reservei para servirem de cupola ao meu modesto trabalho.

Estes dois poetas são: Domingos José Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araujo Porto-Alegre.

Magalhães, depois Visconde de Araguaia, illustre diplomata brasileiro, infelizmente já fallecido, não é um poeta popular, e, no entretanto, é um dos maiores poetas do Brazil.

Quando publicou o seu *Ensaio sobre a historia litteraria do Brazil*, o Sr. Francisco de Salles Torres-Homem escreveu o seguinte:

« Esta producção de um novo genero, é destinada a abrir uma era á poesia brasileira.

Permitta Deos que ella não fique solitaria no meio da nossa litteratura como uma sumptuosa palmeira no meio do deserto. Apesar de tudo, cremos que o tempo futuro não conseguirá riscar da memoria dos admiradores das musas o nome do auctor dos *Suspiros Poeticos*.»  
Quem deixará de dar um lugar de honra a Magalhães, lendo a colossal ode—*Napoleão em Waterloo*?

Como são bellos o seu *Christianismo* (Na cathedral de Milão), *Deos e o homem*, *Ruinas de Roma*!

O auctor da *Alma e o cerebro*, dos *Opusculos historicos e litterarios*, da *Confederação dos Tamoyos*, eclipsou-se nos negros horizontes do tumulo, deixando um nome radiante nas letras e na poesia do Brazil, nome que só pôde ser comparado ao de Manuel de Araujo Porto-Alegre, que, na minha opinião, tem os melhores e os principaes requisitos para a conquista da corôa de maior poeta do Brazil.

Apesar dos defeitos que encontrei na questão, nos termos em que ella foi proposta, é minha convicção ser Manuel de Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo Angelo, quem mais alto levou a nossa poesia.

O cantor das *Brasilianas* tem, mais que nenhum outro, direito a occupar o primeiro lugar na galeria de todos os poetas brasileiros, vivos e fallecidos.

Só o *Colombo*, epopea grandiosa, em quarenta cantos e um prologo, alcança, reclama para o seu auctor esse titulo glorioso.»

As *Brasilianas* são uma peça brilhante de poesia descriptiva.

O *Corcovado*, um hymno primoroso, como tudo que sahiu d'aquelle cerebro cheio de luz e de grandezas.

Porto-Alegre era tambem pintor!...

A sua imaginação ora entretinha-se com as musas, ora com os embevecimentos produzidos pelos magicos attractivos deixados por Miguel Angelo, o poeta da pintura, assim como elle foi o pintor da poesia.

O Barão de Santo Angelo, escrevendo o *Colombo*, architectou na litteratura poetica do Brazil um soberbo monumento, digno de admiração!...

### A VIDA ELEGANTE

O *Club de Botafogo* realisou na noite de 20 do corrente a sua partida mensal.

Por muitas modificações e melhoramentos passou este Club, achando-se actualmente em condições magnificas. Os seus salões espaçosos e alegres estavam prodigamente illuminados e ornamentados com muito gosto.

O maestro A. Arnaud incumbio-se

da organização da parte concertante, que esteve esplendida.

Terminado o concerto, começaram as dansas, que correram animadissimas até á madrugada.

O serviço foi escolhido e o buffet... tentador!

O programma fez honra ao maestro que o organisou.

Acceite a nova Directoria do « Club de Botafogo » os nossos cumprimentos pela esplendorosa festa que proporcionou a todos os socios e convidados.

Duas importantes sociedades de dansa, ás quaes estão ligadas as mais distinctas e ricas familias dos arrabaldes, realizam hoje as suas partilhas concertantes e dansantes. São o *Club do Engenho Velho* e o *Club de S. Christovão*. Dizer o que costumam ser as festas mensaes d'aquelle club é quasi ocioso, pois os leitores mais de uma vez tem encontrado nestas columnas esfuizadas de adjectivos encomiasticos, gyrandolas de pontos de exclamação, quando aqui nos referimos a essa excellente agremiação recreativa. Portanto, preparem-se os Srs. socios e convidados para mais uma noite feérica, deliciosa!

O *Club de S. Christovão*, conta pouco mais de um anno de existencia; mas se continuar, como se espera, a progredir e a florescer como vae, dentro em pouco se terá collocado a par com as mais importantes e bellas associações congêneras.

A noite de hoje no elegante e vasto salão do *Club de S. Christovão* deixará por certo duradouras e agradabilissimas recordações.

Terá lugar amanhã, á 1 hora da tarde, a segunda *matinée* musical do magnifico *Club Beethoven*. Contam-se maravilhas do programma. Tudo faz esperar uma festa como as que costuma realizar esse club de homens distinctos e de bom gosto, que fazem da musica mais do que uma paixão:— um culto!

Por Beethoven! que divina *matinée* vamos ter!

LORGNON.

### VICTOR HUGO

O Sr. Jules Martin, proprietario de um importante estabelecimento lithographico de S. Paulo, enviou-nos um numero do excellente jornal que em homenagem ao grande genio foi publicado n'aquelle cidade.

Consta de boas traducções de trechos de Victor Hugo, e ao centro tem um bello retrato lithographado do poeta. Agradecemos o exemplar que nos coube.

### TRATOS Á BOLA

Enviaram-nos decifrações relativas as *tratices* ultimas os seguintes charadistas: J. da C. e S. Gualberto Numa, Lyosaico de Charival, Lina Oliveira, Paula Magalhães, Oidivo, Heleno, Uma leitora d'A Semana, Palmyra Borba, L. B. Nogueira, Elpidio de Castro, Francisco de Paula Rangel, Almeida, O transmontano e Assu & Tisna.

Pertence a tão cubiçada surpresa ao Sr. Oidivo e as Auroras a D. Palmyra Borba.

O Sr. Oidivo disse:

«Hypermnestra» sendo examinada Pela formosa Deusa «Galatêa», Coube-lhe o ponto (em algebra) «exponente» E sahe-lhe em musica a «semicolcheia». Sob um frondoso tronco de «peroba», Junto cantava um poeta (e que ladino!) A ensinar a Deusa n'um soneto.... Sabem quem era o poeta? «Luiz Delfino»!

Portanto venha o Sr. Oidivo, o poeta e a Sra. Palmyra Borba receber os seus premios.

Eis as decifrações: do logogripho—*Hypermnestra*, das antigas—*Galatêa*, *Exponente* e *Semicolcheia*; da anteposta—*Peroba*, e do logogripho normando—*Luiz Delfino*.

Para hoje temos os seguintes pratos:

ANTIGAS

1—2—A primeira do Globo é Mytho.

1—1—Na musica é cego o irmão da Esperança.

LOGOGRIPHO

Sou homem com a ultima do alphabeto—3, 4, 5.

E faço isto—2, 3, 4, 5.

Com chapéo ando saltando—4, 5.

E sou muito preciso—3, 4.

Esta mulher chama-se—1, 2, 4, 5.

Tem veneno.

ENIGMA ALPHABETICO (1)

		O		
		1		
	C	P	A	
	1	1	5	
T	N	G	I	H
1	2	1	1	1

LOGOGRIPHO NORMANDO (2)

« Rio—longo no curso, curto no nome.

« Um animal.

« Som de quêda.

« Do sol...

« Amargo horrivel.

« Nas algibeiras.

« No mar.

(Conceito:—Ilha brasileira formosa e famosa. »

ANTEPOSTA

3—Roto, lá gostas? tempêra.

2—Vide a ave.

CALIMBURGESCA (3)

Que se deve por no ar para formar um mysterio?

PREMIOS

Ao primeiro decifrador uma surpresa boa como o Diabo. Ao segundo... uma outra surpresa.

E até sabbado.

D. PASTEL.

### FACTOS DIVERSOS

A directoria do *Club Athletico Fluminense* convidou, na quarta-feira ultima, a imprensa da corte para visitar o edificio d'este club, que brevemente será inaugurado.

Como nos falta espaço para detalhadamente descrevermos todos os pavimentos que percorremos, limitamos-nos a dizer que o *Club Athletico Fluminense* é o unico edificio no nosso paiz que, proporcionando-se a toda a sorte de divertimentos, como sejam corridas, jogos olympicos, patinação, gymnastica, bilhares, etc., está construido com muito gosto e com todas as commodidades precisas para estes generos de diversões que tantos adeptos tem nestes ultimos tempos conquistado entre nós.

Depois de feita a nossa visita, o Sr. Pereira Bessa, digno e amabilissimo presidente do club, levou-nos a uma sala especial, onde nos foi servido um excellente lunch.

Trocaram-se diversos brindes, entre os quaes o do Sr. Bessa á imprensa; do Sr. Dr. Pederneiras, a quem foi confiada a presidencia da mesa, agradecendo o brinde levantado á imprensa, e termi-

(1) Vide explicação no n. 15.

(2) Vide explicação no n. 25.

(3) Vide explicação no n. 12.

nando com uma saudação ao club e ás senhoras presentes. Orou tambem um dos Srs. membros do conselho fiscal.

A musica allemã tocou durante a festa.

Fizeram-se representar os seguintes jornaes: *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Noticias*, *Diario de Noticias*, *Diario Portuguez*, *Apostolo*, *L'Italia* e esta folha.

Por nossa parte saudamos o *Club Athletico Fluminense* e desejamos-lhe todas as prosperidades de que é digno.

Deve apparecer a 5 de julho o primeiro numero de um periodico semanal intitulado: *L'écho du Brésil*.

No dia 1º de Julho apparecerá o primeiro numero de um jornal hebdomadario francez, com o titulo *La France*, dedicado a advogar os interesses da colonia franceza e a tornar conhecido o nosso paiz em França. Será seu redactor chefe o Sr. P. Labarrière, conhecido advogado francez, que ha cinco annos reside no Brazil. Publicará vertido para francez o romance de Aluizio Azevedo:—«O Mulato.»

Falleceu no dia 22 do corrente a Exma. esposa do Sr. conselheiro Saraiva, presidente do Conselho.

Juntamos as nossas condolencias ás que tem recebido o illustre estadista que, no fastigio do poder, acaba de passar pelo horrivel golpe da perda de sua querida consorte, a conselheira fiel, criterioa e amantissima, que por tantos annos o amparou e fortaleceu com os dotes privilegiados do seu coração e do seu espirito.

## DECLARAÇÃO

Havendo dito o nosso illustre collega Arthur Azevedo no *Diario de Noticias*, de 26 do corrente, que *A Semana*, em um artigo de Lucio de Mendonça, substituirá pelas classicas trez estrellinhas o nome de um individuo que por ahi anda, o que é verdade, julgamos dever declarar que não fizemos tal substituição sem consultar o auctor do artigo, que nos authorisou a fazel-a, comose vé da carta seguinte, dirigida ao director d'esta folha:

« Pôdes supprimir o tal nome na

minha declaração, pondo-lhe no logar uns pontinhos e, em nota da redacção, a explicação da cousa.

« Para isso não carecias do ser especialmente authorisado; mas sempre agradeço o escrupulo de cortezia.

Teu collega e amigo

LUCIO DE MENDONÇA. »

S. Gonçalo, 16 de Junho, 1883.

## RECEBEMOS

— Do Sr. Henri Nicoud (proprietario da casa «Au Petit Journal»:

— «La Mode Illustrée, n. 23, publicada em Paris a 7 de Junho; «Salon de la Mode, n. 23, de 6 de Junho e «La Revue Politique e Littéraire ns. 22 e 23, publicados em Paris a 30 de Maio e a 6 de Junho. E' admiravel a presteza com que o Sr. Nicoud realisa este serviço. Quanto ao valor d'estas publicações, cremo-nos dispensados de accrescentar uma palavra aos titulos d'ellas, pois n'elles estão os seus «titulos» ao favor publico.

— «O cadastro da Policia» — editor David Corazzi; novas folhas do vol. III.

— Do Sr. Damasceno Vieira, o seu ultimo livro de versos—«A Musa Moderna.»



## HOTEL NOVO MUNDO

SERVIÇO PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

## AU PETIT JOURNAL

ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES

Especialidade em artigos proprios para presentes

COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ

## HENRY NICOUD & C.

Unicos correspondentes e depositarios nesta Côte da verdadeira "LA SAISON" de Pariz

Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.

A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.

27 Rua dos Ourives 27

RIO DE JANEIRO

## LAEMMERT & C.

LIVRARIA UNIVERSAL

66 Rua do Ouvidor 66

Acabam de chegar e acham-se á venda em nossa casa as seguintes obras importantes de Luciano Biart:

### Viagens Involuntarias e Extraordinarias

AOS NOVOS E VELHOS CONTINENTES

I. O Engenheiro Pinson. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 38000.

II. O Segredo de José. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 38000.

III. Na fronteira Indiana, 1 vol. de 260 paginas, com muitas gravuras, 38000.

Do mesmo auctor, no prelo:

Lucia Avilal.

Os romances de Luciano Biart, digno emulo de Julio Verne, têm tido uma aceitação universal, e em pouco tempo esgotaram-se varias edições, tanto na lingua original como em varias traduções. Vertidos para a lingua portugueza pelo habil escriptor Alvaro de Castro, recommendam-se estes livros não só pelo engenho inventivo, como pelas lições proveitosas que encerram. Numerosas gravuras ornarn estes volumes, cuja leitura é inutil recommendar, pois o publico sabe quão proveitosas e interessantes lições se colhem dos livros de Verne a quem Luciano Biart conseguiu igualar.

### HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

## JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134